

A criança entre saber e verdade, ou “o que é a psicanálise para uma criança?”

Maria Claudia Formigoni e Maria Laura Silvestre

Resumo

Na “Nota sobre a criança”, Lacan (1969/2003) afirma que o sintoma da criança pode responder ao que há de sintomático na estrutura familiar e que, nesse contexto, define-se como representante da verdade. Na criança, o sintoma pode, então, representar a verdade do casal parental ou revelar a verdade do objeto da fantasia materna, alienando em si qualquer acesso possível da mãe à sua própria verdade. Em ambos os casos, a criança fica alienada à verdade da significação vinda do Outro. Apostar no discurso do analista e sustentar a clínica com crianças é apostar na possibilidade de que a psicanálise seja, para a criança, uma via de construção de um saber (S2) que advenha no lugar dessa verdade de que o sujeito, alienado, fica refém. Esse argumento será debatido no texto a partir de recortes de um caso clínico.

Palavras-chave:

Criança; Clínica; Verdade; Saber; Psicanálise; Sintoma.

The child between knowledge and truth, or “what is psychoanalysis for a child?”

Abstract

In his “Note on the child”, Lacan (1969/2003) states that the child’s symptom can respond to what is symptomatic in the family structure and that, in this context, it is defined as a representative of the truth. In the child, the symptom can then represent the truth of the family couple or reveal the truth of the object of the maternal fantasy, alienating in itself any possible access by the mother to her own truth. In both cases, the child is alienated from the truth of meaning coming from the Other. Betting on the analyst’s discourse and supporting the clinic with children is betting on the possibility that psychoanalysis is, for the child, a way of constructing a knowledge (S2) that comes in place of this truth in which the sub-

ject, alienated, is held hostage. This argument will be discussed in the text based on clippings from a clinical case.

Keywords:

Children; Clinic; Truth; Knowledge; Psychoanalysis; Symptom.

El niño entre el saber y la verdad, o “¿qué es el psicoanálisis para un niño?”

Resumen

En su “Nota sobre el niño”, Lacan (1969/2003) afirma que el síntoma del niño puede responder a lo hay de sintomático en la estructura familiar y que, en este contexto, se define como representante de la verdad. En el niño, el síntoma puede entonces representar la verdad de la pareja en la familia o revelar la verdad del objeto de la fantasía materna, alienando en sí mismo todo posible acceso de la madre a su propia verdad. En ambos casos, el niño es alienado de la verdad de la significación que proviene del Otro. Apostar al discurso del analista y sostener la clínica con niños es apostar a la posibilidad de que el psicoanálisis sea, para el niño, una forma de construir un saber (S2) que venga en lugar de esa verdad en la que el sujeto, alienado, queda rehén. Este argumento será debatido en el texto a partir de recortes de un caso clínico.

Palabras clave:

Niños; Clínica; Verdad; Saber; Psicoanálisis; Síntoma.

L'enfant entre savoir et vérité, ou “qu'est-ce que la psychanalyse pour un enfant?”

Résumé

Dans sa “Note sur l'enfant”, Lacan (1969/2003) affirme que le symptôme de l'enfant peut répondre à ce qui fait symptôme dans la structure familiale et que, dans ce contexte, il se définit comme un représentant de la vérité. Chez l'enfant, le symptôme peut alors représenter la vérité du couple familial ou révéler la vérité de l'objet du fantasme maternel, aliénant en soi tout accès possible de la mère à sa propre vérité. Dans les deux cas, l'enfant est aliéné à la vérité de la signification venant de l'Autre. Parier sur le discours de l'analyste et soutenir la clinique avec les enfants, c'est parier sur la possibilité que la psychanalyse soit, pour l'enfant, une façon de construire un savoir (S2) qui vient à la place de cette vérité dont le

sujet, aliéné, est pris en otage. Cet argument sera débattu dans le texte à partir d'extraits d'un cas clinique.

Mots-clés :

Enfant ; Clinique ; Vérité ; Savoir ; Psychanalyse ; Symptôme.

Um psicanalista deve poder reconhecer o valor de um lapso. Alguns, como esse que trazemos em nosso título, também são belos. Tivemos o privilégio de recolhê-lo em primeira mão, a partir da fala da colega Ida Freitas, em um evento da Rede de Pesquisa Psicanálise e Infância do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo (FCL-SP), em agosto de 2023.

Ida se referia à clássica pergunta, já muito desdobrada em nossa Rede de Pesquisa: o que é uma criança para a psicanálise? Mas trocou os termos e nos trouxe de presente a oportuna interrogação que escolhemos tomar como norteadora deste texto: o que é a psicanálise para uma criança?

Lacan (1969/2003), já no início da “Nota sobre a criança”, indica a função de resíduo exercida e mantida pela família conjugal, destacando a irredutibilidade de uma transmissão que não é da ordem da satisfação das necessidades da vida. Trata-se de uma constituição subjetiva, que implica a relação com um desejo que não seja anônimo. Nesse contexto, Lacan (1969/2003, p. 369) afirma que o sintoma da criança pode responder ao que há de sintomático na estrutura familiar e que se define como representante da verdade, seja da verdade do casal parental, seja da verdade do objeto do fantasma materno.

A questão do desejo dos pais está, portanto, posta de saída para a criança. Questão sobre o desejo dos pais um pelo outro, sobre o desejo do pai e, talvez a mais enigmática, sobre o desejo da mãe. Em outras palavras, fica escancarada a divisão estrutural tanto do pai, que toma a mulher como objeto causa de seu desejo e faz dela seu sintoma, quanto da mãe, que toma a criança como objeto causa de seu desejo e é tomada como objeto de desejo do pai.

Estamos falando de sujeitos atravessados e afetados pela linguagem. Sujeitos marcados por um corte e por uma desproporção estrutural. É isso, justamente, o que está em jogo na transmissão desse desejo não anônimo e que se apresenta como um enigma: *Che vuoi?* Como não existe algo que solucione esse enigma, que concerne ao valor da criança e ao seu lugar no desejo do Outro que antecede a todos, cada um terá de se enlaçar a seu modo nessa anterioridade estrutural e estruturante.

Ali onde a criança interroga acerca de sua existência advém a falta de resposta do Outro. Não há essência que possa definir um sujeito e tampouco um significante vindo do Outro que permita nomeá-lo. Cada sujeito responde a esse vazio construindo a ficção que lhe for possível. Essa ficção é, ao mesmo tempo, uma fixação que sustenta o sujeito, dando-lhe uma referência. A consequência disso é a alienação a uma significação, sempre tomada como vinda do Outro.

Neste ponto, é importante retomar a afirmação de Lacan (1969/2003, p. 369) de que o sintoma da criança pode representar a verdade do casal parental e destacar o desenvolvimento de Nominé:

A verdade do par familiar é, certamente, que ele não funciona bem e que claudica. Logo, a verdade do par familiar é que não há relação sexual, certamente há o sintoma e há filhos. Como a criança se arranja com essa verdade? Ela constrói um romance, o romance familiar, assim, ela arranja para que os significantes copulem. (Nominé, 1997, p. 13)

A criança, então, inventa uma verdade para encobrir a verdadeira verdade: “não há relação sexual”. É a partir de um não saber e de um desencontro estruturais, incontornáveis e apresentados logo de cara, que é preciso inventar uma espécie de miopia que reduz o “não há” a uma proposição que tem valor de verdade e rege a vida do sujeito.

A fantasia, assim, é formulada como uma produção de linguagem que revela, ao mesmo tempo, o assujeitamento estrutural à realidade do significante e a produção do sujeito na tentativa de responder à falta do Outro. Lá onde não há referência na realidade, lá onde falta o saber sobre o que não há, o sujeito cria o objeto, positivando a falta que o constitui. (Prates, 2017, p. 229)

A fantasia, ao mesmo tempo, protege da castração e torna possível uma posição frente ao desejo do Outro. É, portanto, uma fixação — e uma ficção — que sustenta o sujeito e regula seu desejo. Nessa construção está presente também a questão pulsional, a maneira como o sujeito se faz e se oferece para obturar o fato de que não pode dizer-se. O conceito de pulsão designa o sujeito por uma localização orgânica, oral, anal, olhar, voz etc. (Lacan, 1960/1998).

§ <> *a* escreve, então, o impossível da relação sexual por meio de uma união forjada entre saber e verdade. Ao forçar uma conjunção entre dois aspectos que não se conjugam, aponta para a posição que instalou o sujeito como desejante e explicita a dupla vertente sujeito/objeto.

Do lado do objeto, podemos pensar a clínica do ponto de vista da posição em que nos aparecem os filhos no lugar de objetos fantasmáticos para suas mães; ou aqueles que se fazem de objeto para o gozo do Outro... De outro lado, temos o sujeito, dividido, cuja solução sintomática é um pedido de socorro para que encontre uma via possível de separação em relação ao sentido do Outro, que aprisiona e não oferece margem de liberdade ao desejo. (Oliveira & Prates Pacheco, 2016, p. 13)

Considerando essa dupla vertente, sabemos que há crianças que não se deixam limitar aos significantes que vêm do Outro. Fazem, pela via do sintoma, resistência a se reduzir, a se conformar ao lugar que lhes é determinado. Por contingência, esse pedido de socorro pode ser eventualmente escutado e endereçado a um analista, e não calado com remédios e/ou outras formas de silenciamento.

Trazemos aqui um caso que permite verificar alguns momentos decisivos na análise de uma criança. Na chegada, prevalece a fala da mãe: “parece que ela espera a gente dizer o que é pra ser feito, pra fazer exatamente o contrário”. A posição da menina era realmente essa, fosse diante da mãe, que encarnava de fato o Outro ditador de ordens, fosse na transferência, quando a analista, estrategicamente, não lhe demandava nada. Parecia desobediência, mas era de fato uma criança aprisionada em uma encenação repetitiva, desde uma fixação a uma posição.

Algumas voltas mais tarde, a criança produz um desenho que indica já um deslocamento importante: o sapo-que-não-lava-o-pé está dentro de uma bacia de banho, lavando o pé, portanto. É justo aí que a analista intervém: “Você desenhou o sapo-que-não-lava-o-pé lavando o pé?!” ao que a criança responde: “Você não viu que ele tem uma coleira? Ele lava o pé só porque é um sapo de dono!”. Primeiro passo, talvez, na desmontagem da cena? A coleira é algo que não está já tão colada ao pescoço.

Mais algumas voltas depois, seus desenhos já não têm mais compromisso com o erro ou com o acerto, nem com a beleza, nem com o sentido. O descolamento da significação absoluta do Outro se faz evidente a cada sessão pelo esvaziamento das cenas de desobediência e insuportabilidade, outro significante crucial nesse caso.

A mãe foi ficando cada vez mais sozinha, sem par, a ponto de enlouquecer. Isso demandou da analista algumas manobras pouco ortodoxas, que permitiram que a criança não recuasse em suas construções e seguisse sua análise, ora brigando com a coleira, ora indo um pouco mais adiante, na direção do não sentido.

Depois de outras voltas, na cena final dessa “novela”, a criança, a partir de um desenho bastante original (todos os desenhos que ela fazia, não por acaso, eram cópias de alguma figura que achava no consultório), configura um casal parental e declara: “A filha de uma cenoura rainha com um abacaxi bobo da corte pode ser... uma beterraba!”. A pura diferença que finalmente pode aparecer. A beterraba foi parida com júbilo, na fala e a partir da fala, separada do casal e sem desenho possível.

Foi necessário um analista para que essa criança pudesse esvaziar a cena fantasmática e se separar da significação absoluta do Outro. A análise opera uma abertura, na qual, pela construção de um saber, pode advir uma separação. Essa construção de saber deixa o sujeito menos míope, pois a verdade construída para encobrir a verdade do “não há relação sexual” já não é mais tão consistente.

Apostar no discurso do analista e sustentar a clínica com crianças é, então, apostar na possibilidade de que a psicanálise seja, para uma criança, a via de construção de um saber (S2) que advenha no lugar dessa verdade de que o sujeito, alienado, fica refém.

Para finalizar, um pouco de literatura. Trazemos aqui Miguilim, personagem de Guimarães Rosa. O menino, que era míope — mas agora podemos arriscar que não era por isso —, via Mutum, lugar onde vivia, através do olhar triste, imprevisível, exigente e ameaçador de seu pai. “Do Mutum, era de se ter medo. Era triste, era feio. O morro, mato escuro com todos os bichos maus esperando...” (Rosa, 1964/2010, p. 80).

Um dia, passa pela cidade um médico que percebe Miguilim espremendo os olhos para poder ver. Então, empresta seu par de óculos ao menino, que, finalmente, pôde olhar Mutum por seus próprios olhos. “Miguilim olhou. Não podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as pessoas. O Mutum era bonito!” (Rosa, 1964/2010, pp. 139-140). “Miguilim olhou, mais longe (...). Agora ele sabia” (Rosa, 1964/2010, p. 142).

Referências bibliográficas

- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1960)
- Lacan, J. (2003). Nota sobre a criança. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 369-370). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1969)
- Nominé, B. (1997). *O sintoma e a família. Conferências belorizontinas* (pp. 9-107). Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise.
- Oliveira, B., & Prates Pacheco, A. L. (Org.) (2016). *Criança: objeto ou sujeito. Quinze anos da rede de pesquisa Psicanálise Infância do FCL-SP*. São Paulo: Escuta/Fórum do Campo Lacaniano.
- Prates, A. L. (2017). *Feminilidade e experiência psicanalítica*. São Paulo: Agente Publicações.
- Rosa, J. G. (2010). *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1964)

Recebido: 01/12/2023

Aprovado: 15/12/2023